

Discurso do Subsecretário de Assuntos Políticos Thomas Shannon

“Parcerias EUA-África: Promovendo Interesses Comuns”

Instituto da Paz dos EUA, Washington, D.C.

Quarta-feira, 13 de setembro de 2017, 9:10 A.M.

Discurso conforme preparado para ser proferido

Introdução

Bom dia. Obrigado, presidente Lindborg, por sua introdução tão cordial e generosa. A você e ao embaixador Carson, sou grato pelo convite para participar deste simpósio importante e oportuno.

É sempre um prazer atravessar a Rua 23 e deixar para trás a arquitetura federal dos anos 50 do Departamento de Estado e ter a beleza ativa do Instituto da Paz dos Estados Unidos [USIP].

O USIP provou ser uma instituição única e vital dentro do nosso cenário político. Não apenas mantém e oferece um conhecimento notável na prática da construção da paz e na resolução de conflitos, mas também tem uma capacidade de agregar e convocar de primeira categoria. O USIP reúne alguns dos nossos melhores pensadores e mais interessantes instituições para discutir, debater e moldar a política externa americana.

Hoje é uma dessas ocasiões. Tenho a honra de ajudar a abrir este simpósio sobre a relação entre os Estados Unidos e a África, com foco especial nas parcerias emergentes que definirão essa relação no século 21.

Como Nancy observou, sou “velho” na diplomacia. Sirvo à nossa grande república há 34 anos. Curiosamente, passei 17 anos dessa carreira no século 20 e 17 anos no século 21. Esse divisor de águas me permitiu testemunhar e participar de alguns momentos marcantes de transformação e mudança. Também me ensinou que a história não termina: ela se acelera. Hoje, a mudança tem velocidade, motivada pela tecnologia e pela conectividade. Minha experiência me ensinou que a força americana e os valores americanos podem ter um impacto transformador sobre a mudança global. Acredito que isso também vale para a África. A parceria que oferecemos é especialmente relevante para países que passam por transições profundas de governos autoritários para democráticos, de sociedades excludentes para inclusivas, de modelos de desenvolvimento autárquicos para os baseados em mercados abertos e integração regional e do isolamento global para a participação intensa em eventos mundiais.

Montando o palco global

Quando consideramos o objetivo e a natureza da nossa relação com a África, é importante observar duas coisas. Primeiro, a ascensão da África como um ponto de interesse global e convergência estratégica. O que acontecer no continente nos próximos anos moldará a economia, a segurança e o bem-estar mundiais. A África não é mais um adendo à geopolítica global. Em vez disso, é uma ponte entre a região do Indo-Pacífico e a comunidade do Atlântico mais ampla, ao mesmo tempo conectando-se diretamente com a Europa e o Oriente Médio. No Departamento de Estado, ela se insere em cada escritório geográfico e, no Departamento de Estado, conecta-se a cada comando combatente geográfico. Em resumo, a centralidade da África torna-a imediatamente relevante para o nosso sucesso e exige atenção e envolvimento.

Segundo, da perspectiva dos Estados Unidos, a África já é um continente de aliados e parceiros. Com algumas exceções específicas, a vasta maioria dos estados africanos compartilha o nosso compromisso com os mercados livres, o comércio igualitário, a democracia e o estado de direito, as fronteiras seguras e respostas eficientes às ameaças terroristas globais.

O progresso dos estados americanos rumo aos mercados abertos e ao livre comércio estimulou o crescimento econômico, o desenvolvimento e enormes oportunidades em todo o continente. De fato, seis das dez economias de mais rápido crescimento do mundo estão na África. Até 2030, a África representará quase um quarto da mão de obra e dos consumidores do mundo e, até 2050, a população da África deverá dobrar para dois bilhões de pessoas.

E a nossa balança comercial com a África está perto da paridade – graças à expansão da demanda por investimentos em infraestrutura, aeronaves, produtos de consumo e serviços. Os estados africanos consistentemente atraem uma forte atenção de investidores de empresas americanas.

A democracia e o estado de direito também estão progredindo no continente. Eleições competitivas e participativas estão se tornando a norma. Há apenas duas semanas, testemunhamos a decisão da Suprema Corte do Quênia de anular as eleições presidenciais de 8 de agosto e a decisão madura do presidente Kenyatta de respeitar essa determinação. O processo legal independente e o amplo apoio e respeito pela decisão do tribunal refletem a força da democracia no Quênia.

Finalmente, os aliados e parceiros africanos estão avançando para liderar iniciativas regionais a fim de resolver os conflitos e crises humanitárias de longa data. Na bacia do Lago Chade, Nigéria, Níger, Chade e Camarões formaram a Força-Tarefa Conjunta Multinacional para combater o Boko Haram e o ISIS [Estado Islâmico) na África Ocidental e estão coordenando operações militares, a segurança de civis e assistência humanitária. Os Estados Unidos estão orgulhosos por apoiar essas e outras iniciativas para levar segurança e estabilidade aos cidadãos afetados pelo conflito e pela segurança alimentar.

Fortalecendo nossa relação: o caminho para o futuro

Embora exista muito a elogiar nos recentes acontecimentos no continente, todos nós sabemos que os estados africanos continuam enfrentando desafios significativos. E qualquer relação, ainda que forte, exige cuidado e precisa ser nutrida para crescer. Enquanto o presidente Trump, o secretário Tillerson e nossa equipe de segurança nacional trabalharem com nossos parceiros africanos, eles serão guiados por quatro objetivos estratégicos.

Promover a paz e a segurança

Primeiro, promover a paz e a segurança. Isso rende dividendos para os cidadãos na África e favorece a nossa própria segurança nacional.

Esperamos que os parceiros africanos assumam a liderança na solução do conflito regional e continuaremos trabalhando em parceria com a União Africana e organizações regionais que conduzem esforços bem-sucedidos para acabar com a violência e impedir atrocidades em massa. Embora nossa esperança e nosso comprometimento para colocar um fim nas crises devastadoras criadas pelo homem na República Democrática do Congo, no Sudão do Sul e em outros locais sejam firmes, a sustentabilidade do nosso compromisso financeiro em longo prazo requer contribuições contínuas dos nossos parceiros assistenciais. Também exigiremos maior comprometimento político dos líderes africanos que querem paz e estabilidade em seus países e na sua região. Isso garantirá que nosso apoio e investimento sejam eficazes e prolongados.

No continente, estamos trabalhando para construir a capacidade dos agentes de manutenção da paz regionais, cujos números continuam crescendo na África. No ano passado, fornecemos treinamento a agentes de manutenção da paz de mais de 20 países africanos ativamente envolvidos em operações de manutenção da paz da ONU e da União Africana (AU). Esse envolvimento permitiu que mais de dez batalhões fossem destacados mais eficientemente para algumas das operações mais perigosas do mundo na Somália, no Mali, no Sudão do Sul e na República Centro-Africana. Generosamente, os africanos agora formam mais de 70% dos agentes de manutenção da paz na África, em comparação com 40% há dez anos. Reconhecemos que a manutenção da paz vem com um enorme risco. Lamentamos a perda daqueles africanos que deram a vida em operações de manutenção da paz e os honramos.

Os Estados Unidos também tratam da paz e da segurança através da assistência humanitária a populações vulneráveis como refugiados e pessoas internamente deslocadas. Em 2016, fornecemos mais de US\$ 1,5 bilhão para operações humanitárias do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Com o apoio da USAID [Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional] e do Escritório de População, Refugiados e Migração do

Departamento de Estado, por exemplo, 1,8 milhão de pessoas no Sudão do Sul recebem assistência humanitária salva-vidas todos os meses.

Nosso trabalho de promover a paz e a segurança não é apenas regional. É cada vez mais global. Os estados africanos estão trabalhando em parceria conosco para confrontar o perigo que a Coreia do Norte apresenta ao mundo. Pedimos aos países africanos que se unam a nós para restringir o envolvimento político e econômico com a Coreia do Norte, bloquear as redes de comércio ilegal da Coreia do Norte e opor-se publicamente aos irresponsáveis testes de mísseis e armas nucleares da Coreia do Norte. Vários parceiros africanos tomaram medidas concretas, mas é preciso fazer mais.

Combater o flagelo do terrorismo

Segundo, combater o flagelo do terrorismo. Este governo busca firmar parcerias com os aliados africanos para confrontar e combater o terrorismo na África, incluindo derrotar o Boko Haram, a Al-Qaeda no Magreb Islâmico e o ISIS na África Ocidental. Nos últimos anos, os países africanos intensificaram seus esforços regionais e domésticos para se apropriar desse campo, muitas vezes com grande sucesso. Na Somália, a União Africana e as forças de segurança da Somália estão expulsando o al-Shabaab. Trabalhando através da liderança da AU, parceiros de manutenção da paz como Uganda, Quênia, Etiópia, Burundi e Djibouti estão ajudando a assumir a liderança nesses esforços.

O exército, as instituições de justiça e segurança e ferramentas de inteligência são vitais para defender-se contra essas ameaças, mas apenas a força militar não é suficiente para uma paz sustentada. Devemos trabalhar com nossos parceiros, incluindo a sociedade civil, as autoridades tradicionais e os líderes religiosos, para atacar as causas-raízes do conflito, combater a marginalização e criar oportunidades econômicas. Não existe solução de longo prazo para o terrorismo sem essa abordagem abrangente.

Nenhum progresso em nossos esforços contraterrorismo, porém, será sabotado pelo comportamento abusivo e ilegal das forças de segurança. Continuaremos tendo grande respeito pelos nossos aliados e garantindo que os indivíduos que não respeitarem os direitos humanos nessa luta importante sejam punidos.

O desafio agora é nossos quatro parceiros africanos complementarem os seus êxitos no campo de batalha com pessoal de segurança e justiça treinado para oferecer segurança aos civis e políticas econômicas para impulsionar economias locais moribundas.

Aumentar o crescimento econômico e o investimento

Terceiro, promover a prosperidade através do crescimento econômico e do investimento. Este governo busca fazer negócios não apenas na África, mas com a África, mudando o foco da nossa relação econômica com o continente da ajuda para o comércio e o investimento. O comércio será livre, justo e recíproco, e nossos investidores serão mais competitivos. Isso envolve criar empregos tanto para americanos quanto para africanos em todo o continente.

Uma das nossas realizações bipartidárias mais importantes na arena econômica é a Lei de Crescimento e Oportunidades para a África, ou AGOA. A AGOA é o pilar do envolvimento econômico dos EUA com países da África Subsaariana desde 2000.

Para destacar alguns dos resultados:

- O investimento dos EUA na África Subsaariana aumentou de US\$ 9 bilhões por ano em 2001 para US\$ 34 bilhões em 2014 e criou mais de 300.000 de empregos na África.
- As exportações dos EUA para a África aumentaram em um ritmo ainda mais rápido, de US\$ 6 bilhões em 2000 para US\$ 25 bilhões em 2014.
- As importações feitas pelos EUA da África Subsaariana sob a AGOA totalizaram mais de US\$ 11 bilhões em 2016, um aumento de 14% apenas em relação ao ano anterior.

Esses êxitos e o conhecimento de que o comércio ajuda a fortalecer as instituições democráticas e a reforçar a estabilidade regional são as principais razões para o Congresso dos EUA ter aprovado com maioria esmagadora, em 2015, a lei que reautoriza a AGOA por mais dez anos.

Permanecemos comprometidos com as nossas parcerias econômicas com a África e continuaremos buscando oportunidades para fortalecer o comércio bilateral e o investimento. A USAID, por exemplo, estabeleceu três centros comerciais para ajudar o setor privado africano a aproveitar a AGOA e expandir as exportações para os Estados Unidos. Além disso, a Corporação Desafio do Milênio, ou MCC, fornece assistência econômica a governos que já estabeleceram bons ambientes em termos de políticas. A maior parte do trabalho da MCC foi e continua sendo na África.

Promover a democracia e a boa governança

Finalmente, promover a democracia e a boa governança. Os esforços para assegurar a paz duradoura são enfraquecidos quando os governos não conseguem oferecer uma boa governança e fazer valer o estado de direito – a base para a segurança e o propulsor do crescimento econômico nas sociedades livres.

Vemos os efeitos corrosivos da corrupção como fundamentalmente prejudiciais ao sucesso futuro das sociedades africanas. Um estudo da UA (União Africana) estimou que a corrupção custa em torno de US\$ 150 bilhões por ano para o continente. Propinas e corrupção em pequena escala pioram a pobreza e a desigualdade e diminuem a confiança dos cidadãos no governo. A corrupção – particularmente nos níveis mais altos – desestimula o investimento estrangeiro, fomenta a instabilidade e diminui a capacidade das forças de segurança e outras instituições prestarem serviços básicos.

Os Estados Unidos continuarão trabalhando em parceria com as organizações regionais para promover a boa governança e o estado de direito. Na Gâmbia, quando o presidente Jammeh quebrou seu compromisso de aceitar os resultados da eleição presidencial em dezembro de 2016, a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental, ou ECOWAS, uniu-se a outros líderes regionais e adotou uma íntegra posição em favor da democracia. A ECOWAS e os líderes regionais organizaram uma forte campanha diplomática para influenciar o presidente Jammeh a abrir mão do poder. Ele acabou recuando, pacificamente, cedendo o poder ao seu sucessor eleito democraticamente, o presidente Barrow. Esse foi um excelente exemplo de um esforço concebido e conduzido pela África para fortalecer a democracia, um esforço que temos orgulho em apoiar.

Conclusão

A África é um lugar de amigos e parceiros dignos de confiança. Devemos continuar a jornada juntos em nossa busca de paz e segurança, de democracia inclusiva e boa governança, de mão de obra com oportunidades econômicas e de uma sociedade civil com poderes. Como diz um velho provérbio africano: “Se você quiser ir rápido, vá sozinho. Se você quiser ir longe, vá acompanhado”. Nós planejamos ir junto com os nossos parceiros africanos.

Obrigado, novamente, pela oportunidade de estar aqui hoje e pelo seu compromisso de fortalecer os laços de longa data entre os Estados Unidos e a África.

Aprovado por: AF: Stephanie Sullivan, funcionária sênior do bureau

Elaborado por: AF/PDPA: Mark Azua e Nicholas Sadoski, 3-0531

Autorizado por: AF-Press: Amanda Jacobsen (ok)
AF/W: Sandra Clark (ok)
AF/E: Vincent Spera (ok)
AF/C: Chris Lamora (ok)
AF/S: Thomas Hastings (ok)
USSESSS: Chance Sullivan (ok)
AF/SA: Mike Bittrick (ok)
AF/ERA: Harry Sullivan (ok)
AF/ERA: Jamal Jafari (ok)
PRM: Stephanie Sandoval (ok)
EAP/K: James Applegate (ok)
USAID: Aleks Ristovic (ok)
DRL/AF: Mark Dieker (ok)
D: Jamie Shufflebarger (ok)
P: Luis Mendez (ok)
S/P: Roopa Rangaswamy (ok)
NSC: Jonathan Howard (ok)

###

Esta tradução é fornecida como cortesia e apenas o texto original em inglês deve ser considerado oficial.

Under Secretary for Political Affairs Thomas Shannon's Remarks
"U.S.-African Partnerships: Advancing Common Interests"
U.S. Institute of Peace, Washington, D.C.
Wednesday, September 13, 2017, 9:10 A.M.

Remarks as Prepared for Delivery

Introduction

Good morning. Thank you President Lindborg for your very kind and generous introduction. To you and to Ambassador Carson I am grateful for the invitation to participate in this important and timely symposium.

It is always a pleasure to cross 23rd street and leave behind the 1950s federal architecture of the State Department for the soaring beauty of the United States Institute of Peace.

USIP has proven itself to be a unique and vital institution within our policy landscape. It is not only the keeper and dispenser of remarkable expertise in the practice of peace building and conflict resolution, but is also a convener and convoker of first category. USIP brings together some of our best strategic thinkers and most interesting organizations to discuss, debate, and shape American foreign policy.

Today is one such occasion. I am honored to help open this symposium on the relationship between the United States and Africa, with a special focus on the emerging partnerships that will define that relationship in the 21st century.

As Nancy noted, I am long-in-tooth as a diplomat. I have served our great Republic for 34 years. Curiously, I have spent 17 years of that career in the 20th century and 17 years in the 21st century. This fulcrum has allowed me to witness and participate in some remarkable moments of transformation and change. It has also taught me that history does not end, it accelerates. Today, change has velocity, driven by technology and connectivity. My experience has taught me that American power and American values can have a transformative impact on global change. I believe this is especially true for Africa. The partnership that we offer is especially relevant for countries in the midst of profound transitions from authoritarian to democratic governments, from exclusive to inclusive societies, from autarky models of development to ones based on open markets and regional integration, and from global isolation to intense participation in world events.

Setting the Global Stage

As we consider the purpose and nature of our relationship with Africa, it is important to note two things. First, Africa's emergence as a point of global interest and strategic convergence. What happens on the continent over the next few years will shape the world's economy, security, and well-being. Africa is no longer an addendum to global geopolitics. Instead, it is a bridge from the Indo-Pacific region to the larger Atlantic community, while also connecting directly to Europe and the Middle East. In the State Department it touches every geographic bureau, and at

the Defense Department it connects to every geographic combatant command. In short, Africa's centrality makes it immediately relevant to our success and demands attention and engagement.

Second, as far as the United States is concerned, Africa is already a continent of allies and partners. With a few notable exceptions, the vast majority of African states share our commitment to free markets, equitable trade, democracy and the rule of law, secure borders, and effective responses to global terrorist threats.

African states' progress towards open markets and free trade have spurred economic growth, development, and tremendous opportunity across the continent. Indeed, six of the world's ten fastest growing economies are in Africa. By 2030, Africa will represent almost a quarter of the world's workforce and consumers, and by 2050 Africa's population is projected to double to two billion people.

And our balance of trade with Africa is near parity--thanks to booming demand for infrastructure investment, aircraft, consumer products, and services. African states consistently attract strong investor attention from American companies.

Democracy and the rule of law are also advancing on the continent. Competitive, participatory elections are becoming the norm. Just two weeks ago, we witnessed the Supreme Court of Kenya's decision to overturn the August 8 Presidential elections, and President Kenyatta's mature decision to respect that ruling. The independent legal process, and broad support and respect for the Court's decision, reflect the strength of Kenya's democracy.

Finally, African allies and partners are stepping forward to lead regional initiatives to address long-running conflicts and humanitarian crises. In the Lake Chad Basin, Nigeria, Niger, Chad, and Cameroon formed the Multinational Joint Task Force to fight Boko Haram and ISIS-West Africa, and are coordinating military operations, civilian security, and humanitarian assistance. The United States is proud to support this and other regional initiatives to bring security and stability to citizens affected by conflict and food insecurity.

Strengthening our Relationship: The Path Forward

Though there is much to commend in recent developments on the continent, we all know that African states continue to face significant challenges. And any relationship, however strong, requires care and nurturing if it is to grow. As President Trump, Secretary Tillerson, and our national security team engage with our African partners, they will be guided by four strategic purposes.

Advancing Peace and Security

First, advancing peace and security. Doing so, yields dividends for citizens in Africa, and advances our own national security.

We are looking to African partners to take the lead in resolving regional conflict, and we will continue to partner with the African Union and regional organizations that lead successful efforts to end violence and prevent mass atrocities. While our hope and commitment to seeing an end to the devastating man-made crises in DRC, South Sudan, and other locations is enduring, the long term sustainability of our financial commitment requires continuing contributions from our assistance partners. We will also require greater political commitment from African leaders who want peace and stability in their countries and in their region. This will ensure that our support and investment is effective and enduring.

On the continent, we are working to build the capacity of regional peacekeepers, whose numbers continue to increase in Africa. In the past year, we have provided training to peacekeepers from over 20 African countries actively engaged in UN and African Union (AU) peacekeeping operations. This engagement has allowed more than ten battalions to deploy more effectively into some of the world's most dangerous operations in Somalia, Mali, South Sudan, and the Central African Republic. Generously, Africans now comprise over 70 percent of the peacekeepers in Africa, up from 40 percent ten years ago. We acknowledge that peacekeeping comes with a tremendous risk. We both mourn and honor those Africans who have given their lives in peacekeeping operations.

The United States also addresses peace and security through humanitarian assistance to vulnerable populations such as refugees and internally displaced people. In 2016, we provided more than \$1.5 billion to UNHCR's humanitarian operations. With the support of USAID and the Department of State's Bureau of Population, Refugees, and Migration – for example – an estimated 1.8 million people in South Sudan receive life-saving humanitarian assistance every month.

Our work to advance peace and security is not just regional. Increasingly, it is global. African states are partnering with us to address the danger that North Korea presents to the world. We asked African countries to join us in restricting political and economic engagement with North Korea, shutting down North Korea's illicit trade networks, and publicly opposing North Korea's reckless missile and nuclear tests. Numerous African partners have taken concrete actions, but more needs to be done.

Countering the Scourge of Terrorism

Second, countering the scourge of terrorism. This Administration seeks to partner with African allies to confront and counter terrorism in Africa, including defeating Boko Haram, al-Qaida in the Islamic Maghreb, and ISIS-West Africa. In recent years, African countries have intensified their regional and domestic efforts to take greater ownership on this front, often with great success. In Somalia, the African Union and Somali security forces are driving out al-Shabaab. Working through AU leadership, regional peacekeeping partners such as Uganda, Kenya, Ethiopia, Burundi, and Djibouti are helping to lead the way in this effort.

Military, law enforcement, and intelligence tools are vital to defend against these threats, but military force alone is not enough for a sustained peace. We must work with our partners, including civil society, traditional authorities, and religious leaders, to address the root causes of

conflict, combat marginalization, and create economic opportunity. There is no long-term solution to terrorism absent this comprehensive approach.

Any progress in our counter-terrorism efforts, however, will be undone by abusive and illegal behavior by security forces. We will continue to hold our allies to the highest standards and ensure that individuals who fail to respect human rights in this important fight are held accountable.

The challenge now is for our African partners to complement their successes on the battlefield with trained law enforcement personnel to provide civilian security and economic policies to kick start moribund local economies.

Increasing Economic Growth and Investment

Third, promoting prosperity through economic growth and investment. This Administration seeks to do business not just in Africa, but with Africa, moving the focus of our economic relationship with the continent from aid to trade and investment. Trade will be free, fair, and reciprocal, and our investors will be more competitive. This is about creating jobs for both Americans and Africans throughout the continent.

One of our most important bipartisan endeavors in the economic arena is the African Growth and Opportunity Act, or AGOA. AGOA has been the cornerstone of U.S. economic engagement with countries of sub-Saharan Africa since 2000.

To highlight a few of the achievements:

- U.S. investment in sub-Saharan Africa increased from \$9 billion a year in 2001 to \$34 billion in 2014 and created over 300,000 jobs across Africa.
- U.S. exports to Africa rose at an even faster rate, from \$6 billion in 2000 to \$25 billion in 2014.
- U.S. imports from sub-Saharan Africa under AGOA totaled almost \$11 billion in 2016, a 14% increase from the previous year alone.

These successes, and the knowledge that trade helps strengthen democratic institutions and reinforce regional stability, are prime reasons the U.S. Congress overwhelmingly approved legislation in 2015 to re-authorize AGOA for ten more years.

We remain committed to our economic partnerships with Africa and will continue to seek opportunities to strengthen two-way trade and investment. USAID, for example, has established three trade hubs to help the African private sector take advantage of AGOA and expand exports to the United States. Additionally, the Millennium Challenge Corporation, or MCC, provides economic assistance to governments that have already established good policy environments. Most of the MCC's work has been and continues to be in Africa.

Promoting Democracy and Good Governance

Finally, promoting democracy and good governance. Efforts to secure enduring peace are undermined when governments fail to provide good governance and uphold the rule of law – the foundation for security and the driver of inclusive economic growth in free societies.

We see the corrosive effects of corruption as fundamentally detrimental to the future success of African societies. An AU study estimated corruption costs the continent roughly \$150 billion per year. Bribes and low-level corruption worsen poverty and inequality, and harm citizens' faith in government. Corruption - particularly at the highest levels - deters foreign investment, foments instability, and diminishes the capacity of security forces and other institutions to deliver basic services.

The United States will continue to partner with regional organizations to advance good governance and the rule of law. In The Gambia, when President Jammeh reneged on his commitment to accept the results of the presidential election in December 2016, the Economic Community of West African States, or ECOWAS, stepped up with other regional leaders and took a principled stand for democracy. ECOWAS and regional leaders organized a strong diplomatic campaign to influence President Jammeh to give up power. He ultimately stepped aside, peacefully ceding power to his democratically elected successor, President Barrow. This was an excellent example of an African-conceived and African-managed effort in strengthening democracy, and one that we were proud to support.

Conclusion

Africa is a place of trusted friends and partners. We must continue to journey together in our quest for peace and security, inclusive democracy and good governance, a trained work force with economic opportunities, and an empowered civil society. As an old African proverb says, "If you want to go quickly, go alone. If you want to go far, go together." We plan to go together with our African partners.

Thank you again for the opportunity to be here today and for your commitment to advancing the longstanding ties between the United States and Africa.

Approved: AF: Stephanie Sullivan, Senior Bureau Official
Drafted: AF/PDPA: Mark Azua and Nicholas Sadoski, 3-0531

Cleared: AF-Press: Amanda Jacobsen (ok)
AF/W: Sandra Clark (ok)
AF/E: Vincent Spera (ok)
AF/C: Chris Lamora (ok)
AF/S: Thomas Hastings (ok)
USSESS: Chance Sullivan (ok)
AF/SA: Mike Bittrick (ok)
AF/ERA: Harry Sullivan (ok)
AF/ERA: Jamal Jafari (ok)
PRM: Stephanie Sandoval (ok)
EAP/K: James Applegate (ok)
USAID: Aleks Ristovic (ok)
DRL/AF: Mark Dieker (ok)
D: Jamie Shufflebarger (ok)
P: Luis Mendez (ok)
S/P: Roopa Rangaswamy (ok)
NSC: Jonathan Howard (ok)

###

This translation is provided as a courtesy and only the original English source should be considered authoritative.